

PROGRAMA DE ATENDIMENTO A CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO E MANUTENÇÃO DE UMA ATIVIDADE DE PESQUISA E PRESTAÇÃO DE SERVIÇO À COMUNIDADE.

MARIA JÚLIA CANAZZA DALL'ACQUA¹

I) INTRODUÇÃO

A idéia inicial de criar um serviço voltado para crianças com deficiência visual nasceu do interesse de sua coordenadora por desenvolver trabalhos nessa área, e da constatação de que uma atividade dessa natureza era, até então, inexistente na cidade de Araraquara.

Instituído em 1993, o atendimento foi definido como tendo por finalidade criar e manter uma sistemática de intervenção que desse conta de propiciar recursos necessários para a aprendizagem e desenvolvimento de crianças exclusivamente com deficiência visual ou ainda portadoras desse déficit sensorial aliado à deficiência mental e/ou física, constituindo assim os denominados casos de deficiências múltiplas.

A faixa etária para a qual o serviço foi proposto foi de zero (0) a seis (6) anos, mas já no decorrer dos primeiros meses de atuação percebeu-se a necessidade de ampliar esse limite e, para tanto, estipulou-se que poderiam beneficiar-se crianças até doze (12) anos, portadoras de deficiência visual total ou parcial, com base em critérios da Organização Mundial de Saúde (O.M.S.) para os quais a acuidade visual deve ser inferior a 0.3 no melhor olho e com a máxima correção óptica possível, e campo visual entre 60° e 5° em seu maior diâmetro. (SÃO PAULO SE/CENP, 1987; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1992).

¹ Professora Assistente do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade Ciências e Letras/UNESP e coordenadora do Programa de Atendimento a Crianças com Deficiência Visual do CEAO/UNESP.

São objetivos do Programa, em primeira instância, assegurar um espaço necessário para a consolidação progressiva de uma atividade de prestação de serviços a crianças com restrições visuais, bem como incentivar a proposição de pesquisas envolvendo a problemática em questão. Em qualquer uma das duas situações, a ênfase do trabalho e a orientação teórica adotada prevêm o ensino de técnicas de substituição da visão nos casos de redução total da capacidade sensorial, e estimulação do resíduo visual se a criança for portadora de visão subnormal.

Dos dois objetivos mencionados, o primeiro deles tem caracterizado, até o momento, a natureza e o perfil das atividades do Programa, como procurar-se-á caracterizar no texto redigido em seqüência.

II) EQUIPE PARTICIPANTE

Encontram-se envolvidos diretamente no trabalho que aqui se descreve, além da coordenadora, os seguintes profissionais pertencentes à equipe técnica do C.E.A.O.: uma assistente social, uma terapeuta ocupacional, uma fonoaudióloga e uma psicóloga. O serviço conta também com a participação de uma estagiária, aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP.

III) CLIENTELA E SISTEMÁTICA DE ATENDIMENTO

Basicamente encaminhadas por médicos oftalmologistas, ortopedistas ou por escolas, as crianças que se vincularam ao trabalho do Programa compuseram um grupo com características diversas. Dos treze casos até agora atendidos, três deles são portadores de deficiência visual total, em decorrência de retinopatia da prematuridade e glaucoma congênito. As demais crianças, portadoras de visão subnormal, apresentaram diferentes etiologias, agrupadas da seguinte forma: dois casos de catarata congênita, um de corio-retinite e sete outros casos resultantes de disfunções neuromotoras, sendo que um deles acompanhado também de alta miopia.

Dessa forma, com diagnóstico clínico efetivado por oftalmólogos, a criança que chega para o atendimento em deficiência visual no C.E.A.O./UNESP passa pelo setor de assistência social e, em seguida, por uma intervenção fundamentada principalmente nos pressupostos teóricos contidos nos trabalhos de BARRAGA, COLLINS e HOLLIS, sob a responsabilidade da pedagoga e coordenadora do serviço desenvolvido pelo Programa. Havendo necessidade, os demais profissionais técnicos da Unidade Auxiliar vinculados ao projeto são solicitados, seja no âmbito de uma avaliação/intervenção direta com a criança ou sob a forma de orientação à própria coordenadora, à professora da criança se ela já estiver freqüentando uma escola, ou ainda a seus familiares.

Concluindo, a experiência adquirida no decorrer dos anos em que o "Programa de atendimento a crianças com deficiência visual" esteve em atividade leva-nos a concluir que o trabalho vem se estruturando no sentido de propiciar à equipe participante um conhecimento maior acerca da deficiência visual como condição primeira, associada ou não a outros impedimentos. Nesse sentido, a ênfase da atuação tem sido a de promover o reconhecimento e desenvolvimento da função visual remanescente e/ou das vias sensoriais intactas, com o propósito de promover um modo de vida o mais normal possível, contribuindo mesmo para a integração da criança no ensino comum ou especial, seja em nível de pré-escola ou de escolaridade básica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRAGA, N. C. Increased visual behavior in low vision children. 2.ed. New York. Foundation for the Blind, 1977, 180 p.
- BARRAGA, N. C. Perspectives on working with visually impaired persons world - wide: looking forward. Journal of Visual Impairment & Blindness, New York, p. 84 - 87, jan. 1989.
- BARRAGA, N.C.; COLLINS, M.E. Developmental of efficiency in visual functioning: an evaluation process. Journal of Visual Impairment & Blindness, New York, p. 93 - 96, mar. 1980.
- BARRAGA, N. C.; COLLINS, M.; HOLLIS, J. Desenvolvimento da eficiência no funcionamento visual: uma análise da literatura. In: Fundação para o Livro do Cego

no Brasil. Livro de informações sobre visão subnormal. Trad. Jurema L. Venturini et al. São Paulo, 1985, 166 p.

BARRAGA, N. C.; COLLINS, M.; HOLLIS, J. Development of efficiency in visual functioning: a literature analysis. Journal of Visual Impairment & Blindness, New York, p. 387-391, nov. 1977.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação e Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas SE/ CENP. O deficiente visual na classe comum. São Paulo, 1987, 55 p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (W.H.O.) Management of low vision in children. Bangkok, 1992, 48 p.